



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

EDELAINÉ SANTANA SANTOS

**A IMAGEM FEMININA NO AMBIENTE DOMÉSTICO EM MARIA LÚCIA
DAL FARRA**

Itabaiana - SE

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO *CAMPUS* PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

EDELAINE SANTANA SANTOS

**A IMAGEM FEMININA NO AMBIENTE DOMÉSTICO EM “O LIVRO DE
POSSUÍDOS” DE MARIA LÚCIA DAL FARRA**

**Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Português da Universidade Federal de
Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho,
como requisito parcial à obtenção do
título de Graduação em Letras.**

Orientadora: Adriana Sacramento

Itabaiana - SE

2018

AVALIAÇÃO PARA ASSINATURA DA BANCA

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DR.^a ADRIANA SACRAMENTO
ORIENTADORA

PROF.^a DR.^a ANTONIELLE MENEZES SOUZA
AVALIADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por não conceder que desistisse em inúmeros obstáculos passado, por renovar as minhas forças a cada dificuldade e por permitir chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria Ivany e Eronildes, pelo dom da vida e por me incentivarem, mesmo distante, a continuar a difícil trajetória acadêmica.

Aos meus irmãos, Edivânia, Ediene, Edivan, Leonardo, Lucas e Ronivaldo, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço as minhas filhas, os meus dois presentes dado por Deus, Alanna e Isadora, que com a ingenuidade de criança foram a motivação para continuar e realizar essa conquista.

Ao esposo amado, Ailton, que foi meu companheiro durante todos esses anos. Só nós sabemos o quanto foi difícil continuar. Obrigada por exercer o verdadeiro papel de pai, por incentivar cada passo que eu dei, e por tanta paciência e compreensão em tantos dias aflitos. Enfim, conseguimos!

A Orientadora, Adriana Sacramento, que humildemente aceitou me orientar e compartilhar seus conhecimentos comigo. Obrigada pelo apoio e compreensão.

RESUMO

Este trabalho se dedica ao estudo do livro de poesia “Possuídos” de Maria Lúcia Dal Farra com a pretensão de analisar a imagem feminina na sociedade vinculada ao ambiente do lar. A partir dos estudos de gênero, este trabalho pretende avaliar a influência do poder patriarcal para manter a imagem da mulher ligada aos afazeres domésticos, e os estereótipos que giram em torno desse gênero, que deixa a mulher numa posição submissa ao homem. Assim, aplica-se os conceitos de Roberto da Matta e Gaston Bachelard para interpretar o espaço casa como sendo um espaço de proteção feminina e que possui uma essência íntima do feminino, e Pierre Bourdieu que nos mostra a dominação masculina sobre o feminino. No primeiro momento, estuda-se a concepção patriarcal e a educação voltada ao feminino. No segundo momento, trabalharemos o ambiente doméstico casa como um espaço privado aos cuidados femininos, e no terceiro momento analisaremos os estereótipos que gira em torno do feminino e os cinco poemas do livro “Possuídos” de Maria Lúcia Dal Farra, sendo eles: “Primeiros Passos”, “A babá”, “Couve”, “Maçã” e “Manga” dando destaque ao discurso que denunciam a existência de inferioridade do gênero feminino perante a sociedade e a contraposição que os poemas causam sobre esses estereótipos, mostrando a mulher com um ser liberto.

Palavras-Chave: Mulher; ambiente doméstico; liberdade.

ABSTRACT

This work is dedicated to the study of the book of poetry "Owned" by Maria Lúcia Dal Farra with the pretension of analyzing the female image in society linked to the home environment. Based on the gender studies, this work intends to evaluate the influence of the patriarchal power to maintain the image of the woman linked to domestic tasks, and the stereotypes that revolve around this gender, which leaves the woman in a submissive position to the man. Thus, the concepts of Roberto da Matta and Gaston Bachelard are applied to interpret the house space as a space of feminine protection and that has an intimate essence of the feminine, and Pierre Bourdieu that shows us the male domination over the feminine. In the first moment, the patriarchal conception and the feminine education are studied. In the second moment, we will work the domestic house environment as a private space for the feminine care, and in the third moment we will analyze the stereotypes that revolve around the feminine and the five poems of the book "Possuídos" of Maria Lúcia Dal Farra, being: "First Passos ", " The nanny ", " Cabbage ", " Apple "and" Manga "emphasizing the discourse that denounce the existence of inferiority of the female gender to society and the opposition that the poems cause on these stereotypes, showing the woman with a freed being.

Keywords: Woman; domestic environment; freedom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I - A EDUCAÇÃO FEMININA E O MODELO DA FAMÍLIA PATRIARCAL.....	12
II - O ESPAÇO DA CASA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS AFAZERES DOMÉSTICOS DO LAR.....	20
III- O CONTRASTE DOS CINCO POEMAS AOS VALORES ESTEREOTIPADOS DO PATRIARCALISMO.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A história da humanidade traz, desde o início de sua constituição, o sujeito feminino vítima de submissão, preconceitos e ignorância. No campo literário sabe-se que a intelectualidade masculina era dominante, não dando espaço para a escrita feminina, assim, por suas obras não serem aceitas, muitas escritoras adotavam nomes masculinos fictícios para conseguirem a publicação, e ao longo do tempo, através das lutas realizados por elas, esse gênero foi conseguindo um espaço importante na sociedade, abrindo novos caminhos para o alcance de direitos sociais provocando assim diversas mudanças na sociedade.

Percebe-se então, que historicamente são expressos novos olhares sobre a mulher, pois, as mulheres vem desempenhando papéis importantes e conquistando um espaço que antes eram restritos apenas para os homens. Temos hoje cânones femininos na nossa literatura, haja vista de que a diferença sexual dificultou por décadas a existência de uma escrita feminina, mas elas conquistaram esse direito e a representação, a autoria e a voz da mulher na literatura foi surgindo gradativamente, provocando uma revisão sobre a valorização da posição social entre o gênero feminino e masculino, e abrindo a porta para surgimento de grupos de estudiosos com temáticas relacionada a mulher. Mas será que o lugar ocupado por elas no imaginário social, mais especificamente no ambiente doméstico do espaço privado possibilitou mudanças? De que forma a mulher é representada no ambiente “lar”?

Embora já termos vários direitos conquistados e escritoras reconhecidas, percebe-se que ainda temos um modelo patriarcal no qual a mulher fica reduzida ao espaço privado. Pierre Bourdieu afirma:

“As diferenças sexuais permanecem imersas no conjunto das oposições que organizam todo o cosmos, os atributos e atos sexuais se veem sobrecarregados de determinações antropológicas e cosmológicas” (BOURDIEU, 2012, p.15).

Isso quer dizer que a diferença de gênero vem, segundo a sociologia, desde a evolução e composição do homem no universo. A diferença de tarefas sociais em relação aos membros da família é colocada por Bourdieu, pois a sociedade impõe de forma natural o feminino ligado ao espaço íntimo, interno da casa. Vejamos:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas” como se diz por vezes para falar do que é normal, natural a ponto de ser inevitável: ela está presente ao mesmo tempo em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cuja as partes são todas sexuadas), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como

sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2012, p.17)

Seguindo esse raciocínio, nosso propósito é trabalhar com os cinco poemas, “*Primeiros passos*”, “*A babá*”, “*Couve*”, “*Maçã*” e “*Manga*”, do livro de “Possuídos” de Maria Lúcia Dal Farra, para podermos analisar o modo como a mulher está ligada ao ambiente doméstico privado de forma naturalizada. Pensando nisso, enfatizamos nossa pesquisa em teorias para analisar a posição social do gênero feminino no ambiente privado, que segundo DaMatta, quando falamos no espaço “casa” temos em nossa mente um ambiente familiar com a figura masculina como dominante e a feminina como dominado, ligada aos afazeres domésticos sendo responsáveis pelas tarefas e harmonia do lar, em especial nas atividades culinárias, Para DaMatta, “O interior da casa é destinado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra”.(1992, p.57). Assim iremos buscar, através da poesia os estereótipos, as figuras de linguagem e os afazeres domésticos que giram em torno da mulher e faremos o estudo a partir de livros e teorias que trazem esse assunto como tema.

A poeta Maria Lucia Dal Farra nasceu em 14 de outubro de 1944 em Batucatu, São Paulo e atualmente mora em Lajes Velhas, Sergipe. Ganhadora do 54º Prêmio Jabuti, em 2012, com o seu livro “Alumbramentos”, publicado pela editora Iluminuras, é, também, autora do livro “Auras” publicado em 1994, do livro “Possuídos” em 2002, do livro de crônicas e contos – “Inquilina do intervalo” em 2005, todas pela Iluminuras, e de centenas de trabalhos sobre narrativas e poesia. Maria Lúcia foi professora na UNICAMP e na USP e se encontra aposentada como titular em Letras na Universidade federal de Sergipe, mas continua trabalhando como pesquisadora na CNPq.

Sendo autora de uma poesia tida como “desdobrável” por suas obras trazerem objetos que provocam boas e más sensações referentes as marcas da evolução social, no livro de possuídos, com o seu contexto doméstico, nos faz chegar a uma reflexão sobre o papel social que a mulher ocupa no espaço privado, analisando historicamente o sofrimento que foi vivenciado por elas e que ainda a grande maioria das mulheres vive sendo obrigada a assumir, na sua existência social, o papel doméstico no espaço privado.

Seguindo essa linha de análise, buscaremos ver como o papel da mulher é representado na família e na sociedade e como a menina desde cedo é levada aos afazeres domésticos sendo que elas precisam seguir o padrão dos costumes social. Pensando nessas questões nota-se que se faz necessário e serão importantes o estudo sobre a dominação masculina e das lutas, conquistas e obstáculos que as mulheres

enfrentaram e ainda enfrentam na sociedade para ajudar a entender o modo como a mulher ainda é vista e como ocupa o ambiente “lar”. Como diz DaMatta,

“Sociedade aqui é uma entidade entendida de modo globalizado. Uma realidade que forma um sistema. Um sistema que tem suas próprias leis e normas. Normas que, se obviamente precisam dos indivíduos para poderem se concretizar, ditam a esses indivíduos como devem ser atualizadas e materializadas” (DAMATTA, 1992, p. 15).

Por tanto, Pode-se dizer que a importância desse trabalho está em ajudar a perceber como a imagem da mulher está relacionada a vida doméstica, aos afazeres do lar, e como se o bem e a felicidade da família só fosse encontrado e fosse responsabilidade dela. Contudo, é importante salientar que o trabalho é apenas uma forma de interpretação entre tantas outras possíveis. O estudo dos poemas é para mostrar como o sujeito feminino se depara com as ideologias e às vezes se conforma com o que é passado para elas desde menina, um ensinamento que deve ser aprendido e seguido, assim, pode-se falar em assujeitamento ideológico, pois, muitas vezes esses afazeres são realizadas sobre violência ou por obrigação. Assim, levantaremos uma comparação da imagem feminina relacionada ao espaço “casa” e aos afazeres domésticos da ficção com a realidade, pois, através da poética podemos refletir a realidade social do feminino no ambiente “casa”. Por trás disso, tem uma explicação importante sobre esses espaço, como diz Roberto DaMatta:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1992, p. 17).

Com essa pesquisa, pretendemos portanto levantar a construção da representação feminina ao espaço privado, levando em consideração o estudo do conhecimento da categoria espaço e a sexualidade e poder, levando pelo lado da dominação masculina sobre o feminino. Vale salientar mais uma vez que, na posição de sujeito pesquisador que parte de um discurso científico associado entre fatos fictícios e reais, falamos como sujeitos para outros sujeitos que poderão discordar ou concordar de tais interpretações.

Assim, nesse trabalho, procuramos identificar a forma que a mulher é vista pela sociedade, analisando os dias atuais e décadas passadas, observando a existência de possíveis modificações levando em consideração a ideologia patriarcal direcionando-se aos papéis desempenhados pelos homens e pelas as mulheres no ambiente casa e na sociedade. Portanto, esse trabalho foi dividido em três capítulos possibilitando a visibilidade dos pontos levantados anteriormente para um melhor entendimento.

O Primeiro capítulo está centrado nos estudos da educação da mulher e na concepção da família patriarcal nesse gênero, prosseguindo das diferenças existente entre os sexos construídas social e culturalmente que leva a mulher ao ser inferior ao homem tendo, por tanto, uma aparente superioridade masculina. Assim, faremos um breve histórico da educação e a posição social feminina desde do período colonial aos dias atuais, tendo com vertente a teoria de Pierre Bourdieu.

O Segundo capítulo situa os estudos ao espaço doméstico “casa” que reflete o feminino como uma essência íntima, mostrando as injustiças sociais vivida por as mulheres. Discutiremos, portanto, o papel do masculino e feminino no ambiente domiciliar com a intenção de situar como os conceitos da subordinação da mulher para com a casa/família foram e estão sólidos na sociedade. Usaremos como linhas teóricas as escritas de Roberto DaMatta e Gaston Bachelard, e também, Elóida Xavier, nas quais abordaremos conceitos do ambiente doméstico/casa relatadas por eles.

No terceiro capítulo faremos a análise dos cinco poemas de Dal Farra, “Primeiros Passos”, “A babá”, “Couve”, “Maçã” e “Manga”, utilizando as teorias de Bourdieu, DaMatta e Bachelard e alguns estereótipos que podem serem refletidos nos poemas escolhidos. Nesse diálogo teórico, procuraremos relacionar as obras estudadas com a posição social da mulher no antes e no atual levantando os diversos preconceitos que esse gênero sofreu durante anos e que ainda vem sofrendo por parte da sociedade.

I A EDUCAÇÃO FEMININA E O MODELO DA FAMÍLIA PATRIARCAL

Sabe-se que a mulher é um gênero que sofreu e ainda vem sofrendo vários preconceitos pela sociedade, e dentre esses preconceitos está o de a mulher ser subordinada aos afazeres domésticos no ambiente em que vive, seja ela uma pessoa com profissão formal ou não. Nos cinco poemas escolhidos, sendo eles “Primeiros Passos”, “A babá”, “couve”, “manga” e “Maçã”, da poeta Maria Lúcia Dal Farra, pode-se observar a imagem feminina como parte de um processo discursivo dos costumes da família patriarcal no âmbito do lar.

Buscaremos, nesse capítulo, proporcionar os fatores que provocam e que levam o gênero feminino a ser destinado, pela sociedade, aos afazeres domésticos. Direcionando nossos estudos a submissão da mulher ao gênero masculino, a partir de eixos que abordam a disciplina feminina, questões da família e dominação masculina, proposto pelas teorias de Pierre Bourdieu. Para compreendermos tal subordinação é preciso também que, antes, resgatemos a história feminina desde dos costumes patriarcais aos atuais.

Percebe-se, portanto, que desde o período colonial, entre os séculos XVI à XIX, a mulher é privada de direitos sociais, sendo que desde cedo a educação entre meninas e meninos era bastante distinta, haja vista, que os homens sempre tiveram a liberdade para participar de todos os atos sociais, enquanto a mulher sempre foi restrita a uma educação voltada aos afazeres domésticos, casamento e atividades religiosas. Com sua educação voltada ao aperfeiçoamento do cuidado do ambiente em que vivia, da educação dos filhos e do cuidado do marido, a mulher não possuía direito nem espaço algum para aprender qualquer outro ensinamento, tendo em conta que as escolas femininas só surgiram em meados do século XIX, mas não eram abertas para todo o público feminino.

No Brasil, a educação feminina fora de casa iniciou-se em meados do século XIX. Foi quando surgiram as escolas femininas, mas essas escolas eram destinadas a classe mais abastada, ficando de fora as mulheres de classe social menos favorecida, sendo destinadas, portanto, apenas as meninas ricas, assim, as negras e de classe social inferior continuavam sendo privadas do direito de estudar. Depois de décadas foram surgindo as escolas femininas abertas para o público menos favorecidos, porém a desigualdade entre

os gêneros masculinos e femininos ainda permaneceram, os assuntos estudados pelos homens não eram os mesmos pelas as mulheres, como por exemplo, a geometria prática não era permitida ser estudado por elas, haja vista que para a sociedade não se fazia necessário, e o ensino superior também não lhes eram concedido.

Com toda essa desigualdade social, o gênero feminino não podia ocupar um espaço na nossa literatura, pois além delas não possuírem o direito de uma boa formação, também não lhes era aberto um espaço como escritoras. As mulheres que se atreviam a escrever alguma obra eram obrigadas a se identificarem com nomes fictícios masculinos para conseguirem que suas obras fossem publicadas e aceitas pelo público, e as que tivessem sua verdadeira identidade revelada eram punidas por desrespeitarem as normas sociais.

Vítimas de tanto preconceito e ignorância, em meados do século XIX no Brasil, as mulheres começaram a se rebelar contra tal ideologia que as mantinham como seres inferiores, menos inteligentes e também como propriedades dos homens, sendo merecedoras de destaque apenas como mantedoras do lar. A partir de então, o movimento feminista vai se encorpando e ganhando força e pauta de luta a partir dos acontecimentos em defesa da emancipação do sujeito feminino e, assim, foram surgindo várias outras lutas por direitos que não lhes eram permitidos, foram feitas várias passeatas e protestos contra a inferiorização feminina e a favor de várias outras liberdades, como o mundo acadêmico que lhes eram negado, o direito ao voto, e ao trabalho fora do ambiente doméstico/casa, e também ao direito do prazer sexual, haja vista que a mulher foi vítima da opressão ao sexo por muito tempo, onde ela era tida apenas como um objeto reprodutor, sendo proibida dos prazeres sexuais.

Dentre diversas lutas e conquistas, percebe-se que a desigualdade de gênero que vem desde décadas atrás teve uma redução, pois a partir do século XX as reivindicações pelos direitos femininos passaram a ser aceitos e seguidos por diversos grupos sociais, mas nota-se que essa desigualdade ainda está presente em nosso meio e tem muito a ser reduzido. Pierre Bourdieu (1994) em seu livro “Dominação Masculina” ressalta que a família, mesmo inconscientemente, é estruturada pela cultura social a seguir tal divisão, sendo que o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexual. Nota-se que o modelo patriarcal, desde sempre, domina a posição da mulher na família, tendo em conta que a estrutura da organização familiar, desde o período colonial, se ajustou às condições sociais e

econômicas, assim, tal modelo caracteriza-se por ter como ponto central o Pai, o responsável por todas as decisões e influência social da família.

Isso mostra que a realidade social é bem mais complexa do que pensamos, pois tais princípios de dominação machista impregnado nas estruturas sociais, no nosso pensar e agir, vem causando, desde sempre, a desigualdade social de gênero. São observadas a existência de denúncias e contrariações com os casos visíveis dessa desigualdade social, como a desigualdade de salários entre homens e mulheres que exercem a mesma função, mas nem sempre pode afirmar que é percebida essa dominação masculina, haja vista, que são muitos os fatos invisíveis que levam a mulher a inferioridade e que por muitas vezes não são notados, pois os hábitos de dominação são vistos de forma natural. Bourdieu afirma:

Assim, as disposições (*habitus*) são inseparáveis das estruturas (*habitudines*, no sentido de Leibniz) que as produzem e as reproduzem, tanto nos homens como nas mulheres, e em particular de toda a estrutura das atividades técnico-rituais, que encontra seu fundamento último na estrutura do mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 2012, p. 55).

Pode-se exemplificar essa invisibilidade com a responsabilidade que a sociedade determina para a mulher, que no ambiente doméstico em que vive ela ser a responsável por todas as tarefas, como o preparo da alimentação, o cuidado geral com os filhos e com toda a limpeza da casa, que são tidas como “tarefas femininas”, e enquanto o homem a sociedade o deixa livre, com o poder de realizar ou não alguma tarefa doméstica, no tempo e espaço que quiser sem nenhuma responsabilidade para executar qualquer atividade.

Nos cinco poemas analisados temos a imagem feminina como reflexo do prazer e da liberdade que esse gênero conquistou. Embora os poemas estejam relacionados ao ambiente doméstico, espaço esse que traz marcas dos costumes patriarcais que coloca o feminino como sujeito vítima do poder de submissão ao masculino, nesses poemas, podemos perceber que a Mulher está como um sujeito presente, com voz ativa nas condições sociais impostas, sendo autoras da sua própria história.

No poema “Primeiros passos” percebe-se a quebra dessa dominação masculina, pois, temos a imagem feminina no período de sua infância, com toda liberdade para desenvolver e ir em busca da construção da sua própria identidade. Vejamos:

[...]

A difícil travessia da horta, do quintal

(enfim, das traseiras da casa)
 Escolhe a natureza como escala de trapecos
 No entanto
 o que se vê é a alegria,
 a abertura dos braços,
 o receptivo dos tons,
 o pulsar incessante de legumes e verduras
 [...]
 (DAL FARRA, 2002, p.13)

Assim, nesse poema percebemos um princípio contrário da visão patriarcal, que coloca a mulher a ocupar o lugar de subordinação na vida familiar, onde a criança do sexo feminino desde cedo é apresentada as tarefas domésticas, no intuito de aperfeiçoá-la para o futuro que é ser uma boa “dona de casa”, temos a imagem feminina nos seguintes versos: “que ensaiam juntos a estréia -” ,”brotando no fundo desse mundo”, “inalgural”, com a vitalidade liberta para conquistar, exercer seus objetivos e suas necessidades.

O poema “A baba”, se inicia com uma linguagem cujo o pensamento nos leva aos direitos conquistados socialmente pela mulher, pois, ela possui o direito de trabalhar fora do ambiente em que vive. Embora, possa refletir que ao exercer tal profissão a mulher esteja sendo vítima da dominação patriarcal, que coloca a mulher como a responsável pela proteção e cuidados educacionais das crianças, percebemos que o feminino presente no poema não está de forma submissa aos costumes patriarcais, pois pode-se notar satisfação e prazer ao executar a profissão, como nos versos “*peitos fartos e macios*” e “*mãos que chamam o toque*”, temos seios e mãos que acolhem e sentem. Nota-se, por tanto, um ser liberto.

A mulher ostenta o ar ingênuo da profissão que pratica
 adquirido (por certo)
 no trato incessante com crianças.
 De resto
 toda ela é feita para acolhê-las:
 largo colo almofadado
 peitos fartos e macios
 mãos que chamam o toque.
 [...]

(DAL FARRA, 2002, p. 23)

Para o desenrolar do poema “Couve” encontra-se situações e pensamentos que nos leva a refletir a importância da mulher ao conquistar seu espaço, haja vista que seguindo os costumes patriarcais, as mulheres com posição de agregadas não possuíam voz ativa no ambiente que viviam, e embora, nesse poema, nos primeiros versos, a mulher está em uma condição objeto, de uma presença invisível, no desenrolar do poema ela ocupa o lugar responsável pelas atividades domésticas, pelo preparo do alimento, encontrando a valorização como ser humano.

Entre leques e as folha da vindeira
esta hortaliça ostenta o dom
de modelo predileto de imitação –
até para cantoneira
ela se empresta!
Mas pobre dela que nem seus hóspedes abana
e sequer nos brinda com licores...
[...]
Só para a mesa guarda sua singeleza:
Ah, pequenez de agregada –
Aderente da manteiga
Cativa do feijão.
[...]

(DAL FARRA, 2002, p. 55)

Nos poemas “Maçã” e “Manga”, de início, pode ser refletido a dominação masculina no parecer da mulher ser submissa aos desejos sexuais masculino, haja vista que ela pode ser colocada como objeto de consumo e desejo, tendo o seu corpo repressor ao domínio masculino comandado pelo sistema patriarcal, sendo que a sociedade ainda segue o costume que torna a mulher um ser que tem a obrigação de satisfazer sexualmente o seu companheiro enquanto ela esteja proibida de sentir prazer. Porém, no desenrolar dos poemas podemos observar que essa satisfação sexual acontece por ambas as partes, de forma livre, sem o poder de subordinação.

No poema “Maçã”, a fruta aparece como forma metafórica à mulher, pois as suas partes são comparadas as partes do corpo feminino, podendo assim, observar a mulher sendo colocada numa contra posição a visão edênica, onde tem a sedução e o consumo

do “fruto” proibido, porém essa visão é desfeita quando a visão da condenação pelo consumo do “fruto” é substituída por sentimentos de satisfação e prazer.

A maçã na mesa: pomo da discórdia.
 Abuso da minha inteligência
 porque quero conhecê-la com dentes,
 escavá-la até a longínqua estrela.
 Saliva a saliva
 procurar-lhe nomes,
 no afunilado umbigo aprofundar a língua.
 [...]
 Ouso, caio,
 Começo de novo o mundo,
 Exilo da fruta o sabor do amor celeste –
 Sou(por fim) mortal.
 [...]
 Dal Farra (2002, p. 63)

No poema “Manga” a fruta mais uma vez está remetida metaforicamente ao corpo da mulher que desperta o desejo e a dominação masculina através das partes do seu corpo. No primeiro estrofe, assim como a fruta, a mulher entrega-se, ainda fechada, ao desejo sexual, e como uma urna abrida outras frutas, outros sentimentos e desejos.

Ela está sobre a mesa-
 Nua
 E fechada em si
 Como uma urna
 O elegante perfil convoca outras formas
 Para torna-la única;
 Pera, pêssego, abricó- o coração, afinal,
 De onde irrigam a candura
 E o aceno para afaga-la com duas mãos.
 [...]
 (DAL FARRA, 2002, p. 73)

Constituídos a partir de reflexões que focalizam as análises aos fundamentos culturais com base a dominação de gênero e o modelo patriarcal, podemos dizer que os poemas silenciam a dominação de ordem masculina e expõem o corpo feminino que

fala de seus desejos e prazeres. Segundo Bourdieu, essa dominação masculina se trata de uma violência simbólica, sendo uma forma de praticar a desigualdade de gênero que o dominante impõe sua forma de pensar ao dominado, conquistando uma cumplicidade tática, haja vista, que a forma da sociedade impor o modo de pensar e agir ao feminino são formas de subordinação que provoca a desigualdade como normal e natural. Cabe afirmar que essa violência não está apenas no âmbito simbólico, mas passa também a ser física e psicológica que aparece de forma subjetiva nas representações socioculturais.

Percebe-se, por tanto, que nos cinco poemas analisados não existe as repreensões da relação do sexo e do poder, haja vista que a mulher goza, sente prazer e fala de um lugar que antes lhe era garantido pela subalternidade, sendo que o homem era tido como medida de todas as coisas, estando sempre em liderança. Para Bourdieu, a repreensão do gozo e da liberdade da mulher está na necessidade do modelo patriarcal do homem ser o dominante. Vejamos:

A oposição entre os sexos se inscreve na série de oposições míticos-rituais: alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio (do homem desejante se diz: “seu kanaun está vermelho”, “sua panela está pegando fogo”, “seu tambor está quente”; das mulheres se diz que eles tem a capacidade de “apagar o fogo”, “refrescar”, “dar de beber”) (BOURDIEU, 2012, p. 27).

Nos poemas estudados, nota-se que a sociedade disciplinadora é provocada, pois através do corpo que sente é questionado aquele que não pode sentir, em que a mulher é considerada sempre um ser inferior ao homem, seja no ambiente doméstico ou no público. O corpo da mulher torna ela um ser dominado pelo sexo oposto determinado pelo sistema patriarcal que provoca uma divisão cruel entre os gêneros, que coloca a submissão e subjugação da mulher perante o homem, destinando o feminino sempre as tarefas domésticas, privando da liberdade social, como um fato ideológico que precisa ser aceito e conformado, ou seja, tendem a explicar que a condição da mulher na sociedade, a divisão de estatutos entre eles consiste devido ao seu órgão genital. Bourdieu afirma:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser visto como justificativa natural da diferença socialmente construída entre gêneros e, principalmente, da divisão social de trabalho. (BOURDIEU, 2012, p. 20).

As interpretações feitas nos poemas é focada no agir e no ocupar social da imagem feminina, que por sua vez não consegue livra-se dos preconceitos trazidos no

espaço e no tempo. Podemos assim afirmar que temos nessas poéticas misturas do passado e do presente em simples versos que podem serem vistos como desabafo que se desloca do tempo moderno para denunciar comportamentos preconceituosos direcionados a mulher pela sociedade, que apesar de mostrar ser uma sociedade cujo os prejulgamentos e diferenças entre os sexos não mais existem, tendo importantes transformações na função da mulher no meio social, pode-se afirmar que no discurso social ainda é visto a dominação do homem sobre a mulher e, esta, por sua vez ainda ocupa o lugar de responsável do lar dos afazeres domésticos na história da família. Vejamos essas misturas no poema “Maçã” por exemplo, que nos faz refletir a imagem feminina ligada aos costumes do passado que colocava a mulher numa posição a seguir as regras da igreja, impedidas de ter a liberdade realizar o seus desejos, sendo proibida de se entregar ao prazer como nos mostra o verso “A presença hierática pede respeito”, e que depois nos mostra a coragem feminina e a liberdade conquistada presente na terceira e quarta estrofe do poema.

Percebe-se portanto, que a família Patriarcal tem uma vasta responsabilidade dos conflitos e desigualdades socioculturais presentes na atualidade devido aos laços protetores que cercavam a mulher desde do período colonial. Com núcleo familiar sendo o responsável por proteção e conduta da mulher na sociedade, era determinado que os pais ou o homem mais velho da família fizessem uma certa teia de aranha no ambiente, no intuito de não permitir a desordem e a desonra da filha. Assim, a mulher passa a ser como um objeto de propriedade privada em que não tinha a liberdade de exercer atividades sociais a não ser os afazeres domiciliares em que vivia.

Deste modo, a perspectiva na diminuição da discriminação contra as mulheres vem trazendo à adoção de medidas governamentais e sócio-protetivas, como a política de proteção social, geração de trabalho crescente e a lei das domésticas, com objetivos de propor mudanças na posição feminina na sociedade. Embora, pouco eficazes e em alguns casos equivocadas, os métodos utilizados vem promovendo lentas mudanças ao decorrer dos anos, sendo que já foram conquistados alguns direitos, mas nota-se que por mais que a sociedade possua uma postura crítica sobre essa desigualdade, o gênero feminino ainda vive em conflito torturante no seu interior, pois, mesmo que a sociedade tenha um discurso parcial sobre a desigualdade e dominação masculina, os costumes da família patriarcal ainda é influente nos costumes atuais.

II O ESPAÇO DA CASA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS AFAZERES DOMÉSTICOS DO LAR

Como visto no capítulo anterior, a mulher é um gênero que sofre diversas desigualdades sociais devido ao seu sexo. Elas sofrem limites impostos com regras a serem seguidas, colocadas por uma sociedade dominante desde o período colonial. Nos poemas de Dal Farra pode-se notar que o feminino está voltada ao ambiente doméstico privado, sendo que desde de séculos atrás até os dias atuais a mulher é destinada ao espaço casa, com a responsabilidade de todo o cuidado do ambiente em que vive.

A interpretação desses poemas com o auxílio dos textos teóricos vai nos mostrar, a relação entre o espaço casa e o gênero feminino ligado aos afazeres domésticos, isto é, que a posição que a mulher ocupa na sociedade, independente de diversos fatores sociais, se dá, quase sempre, como um ser subordinado ao espaço que habita, pois logo que pensamos em casa sentimos a sensação de acolhimento com a imagem da esposa, marido e filhos, sendo que o responsável pela chefia da casa é sempre o masculino e o feminino pelo aconchego familiar.

Seguindo essa linha de interpretação, teremos nesse capítulo o objetivo de tecer e discutir algumas reflexões sobre a construção ficcional e real do espaço da casa com a representação do gênero feminino, analisando como o espaço “casa” presente nos poemas acolhe o feminino, tendo em vista o que considera Roberto Da Matta em seu livro *A casa e a rua* (1997), quando fala que a casa não representa apenas um espaço geográfico mas entidades morais, sendo que a concepção entre a casa e a rua causa contrastes morais ao gênero feminino, haja vista que na casa encontra-se o ninho protetor, enquanto na rua estaria o perigo, a condenação. Percebe-se, portanto, que o espaço casa representa para a mulher perante a sociedade muito mais do que um simples ambiente familiar, mas reproduz uma estrutura íntima do feminino que nela habita. Vejamos:

Nesse sentido, o espaço definido pela *casa* pode aumentar ou diminuir, de acordo com as intenções do sujeito e na medida direta do seu relacionamento com a outra unidade que surge como foco de oposição e de contraste. Assim, conforme estamos todos fartos de saber, a casa tanto pode definir o espaço íntimo e privado de uma pessoa. (DAMATTA, 1997, p. 18)

Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (1993), numa perspectiva fenomenológica, observa como a casa se revela ao gênero feminino na representação

social, haja vista, que o ambiente doméstico oferece um corpo de imagem no qual coloca o espaço como um lugar acolhedor, de proteção, que possui uma essência íntima do feminino. Vejamos:

Quando se sonha com uma casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. Voltaremos a abordar a maternidade da casa. (BACHELARD, 1993, p. 27)

Diante dessas considerações, entende-se, que a posição da mulher, entre a casa e o espaço público, se dá até os dias atuais seguindo o modelo patriarcal, sendo que no espaço da casa a mulher está sobre proteção familiar, protegida dos perigos do mundo, submissa ao masculino e ao fazeres domésticos, enquanto na rua esse gênero encontra uma suposta liberdade que a leva aos perigos que o patriarcalismo afirma ter. Essa situação é ocasionada por meio de convenções sociais que permeiam a vida do feminino na sociedade.

Essas normas sociais que levam a mulher aos cuidados do lar em que vive faz parte de uma cultura histórica herdada do período patriarcal e escravista, em que as atividades domésticas eram realizadas por mulheres negras e de classes inferiorizadas. Percebe-se, portanto, que a desigualdade de gênero vem dos valores coloniais, que eram acostumados com a condição dominado/dominante.

O gênero feminino, mesmo sem perceber, obedece as convenções sociais impostas, vivendo sobre submissão e a dominação masculina. Muitas vezes silenciosamente, a mulher vive a alimentar essa submissão, sendo que ela sempre procura a cumprir corretamente o seu “papel de mulher” mantendo-se responsável pelas atividades do ambiente doméstico em que vive. Procurando seguir as leis impostas pela sociedade, esse gênero vive um englobamento social, buscando a perfeição e valorização social através da organização das atividades domésticas, pois, segundo Da Matta *“a sociedade é englobada pelo eixo das leis impessoais”* (1997). Consideramos:

O “englobamento” é uma operação lógica na qual um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas. No caso brasileiro, a dinâmica é muito familiar. Diante de certos problemas e relações, preferimos englobar a rua e a casa, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma grande família”, vivendo debaixo de um generoso teto”, obedecendo, naturalmente, às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso e que é, naquele momento, o “nosso líder” e o “nosso guia e pai”. (DAMATTA, 1997, p.20)

O englobamento das leis impessoais provoca uma dominação natural que vem desde cedo na educação familiar tanto para homens quanto para mulheres,

considerando-se que os comportamentos que levam uma desigualdade de gênero são exercidos pelos dois sexos de forma invisível e natural, a julgar que as segmentações de atividades tidas como masculinas e femininas ainda continuam existindo, ficando a divisão sexual do trabalho, sendo que mesmo com a mulher conquistando espaço de trabalho em ambiente fora do lar, as atividades domésticas privadas continuam sendo destinadas a elas, enquanto as extras domésticas tem uma maior dominação masculina.

As práticas sociais que levam o feminino ao cuidado do lar também é carregada em si de preconceitos e interpretações sociais. Seguindo as teorias de Da Matta, quando fala que o lugar em que vivem permite leituras que ressalta a pessoa que nela habita, pode-se dizer que o ambiente lar provoca reflexões no que desrespeita a posição que o feminino ocupa no núcleo familiar. A sociedade faz uso do espaço para identificar o tipo feminino de cada moradia.

Elóidia Xavier, em seu livro *“A Casa na ficção de autoria feminina”* (2012), afirma que o espaço casa adquire uma função estruturante, que apresenta um encontro significativo entre o ser e o espaço. Seguindo essa perspectiva, pode-se dizer que nos cinco poemas, estudados, de Dal Farra reflete a representação do sujeito feminino circunscrito ao espaço doméstico em que vive, e que levanta diferentes significados que o espaço casa representa a mulher que nele encontramos.

O poema *“Primeiro Passos”* (p.13), descreve a imagem feminina com o desejo e alegria de viver. No decorrer dos primeiros versos, o eu-lírico traz as qualidades que ela apresenta, que mesmo com algumas dificuldades expostas, ela é feliz e possui essências que a torne um ser liberto. Pode-se refletir, através dos versos descritos, que o espaço “casa” se opõe ao papel do “pai protetor”, do “chefe da lar” que tem o dever de protegê-la dos perigos da rua. Estando, portanto, de contraponto com os valores patriarcais, o espaço presente no poema oferece técnicas e composições que leva a menina a um ser autônomo e com independência social. Segundo as teorias de Bachelard quando fala: *“A casa primordial oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra”*, pode-se, portanto, afirmar que essa casa pode ser vista como um espaço de acolhimento e intimidade.

São (de fato)

Os primeiros movimentos da menina

Aqueles do teto de cores?

Se assim é, ela já nasceu bailarina –
 Tamanha a perícia dos toques de pincel na tela.
 A difícil travessia da horta, do quintal
 (enfim, das traseiras da casa)
 Escolhe a natureza como escala de trapeços
 No entanto
 o que se ver é a alegria,
 a abertura dos braços,
 o receptivo dos tons,
 o pulsar incessante de legumes e verduras
 [...]
 (DALFARRA, 2002, p.13)

No poema “A *babá*”, Dal farra continua a propagar a imagem feminina ao espaço da “casa”, tendo a mulher como uma excelente prestadora de serviço. Vejamos:

A mulher ostenta o ar ingênuo da profissão que pratica
 adquirido (por certo)
 no trato incessante com crianças.
 De resto
 toda ela é feita para acolhê-las:
 largo colo almofadado
 peitos fartos e macios
 mãos que chamam o toque.
 O pano que lhe faz fundo convida ao sono.
 São flores de desenho
 (fantasias)
 com ramos que nos enlaçam
 -tais seus braços.
 (DALFARRA, 2002, p.13)

Embora a profissão mencionada no poema trate de um assunto domesticado, que coloca a mulher, mesmo realizando atividades fora do seu abrigo, a um ser com categoria inferiorizada perante aos valores sociais, continuando a exercer atividades domésticas tidas como “tarefas femininas” na casa alheia, pode-se dizer que o poema mostra que a negatividade expressa pela a sociedade sobre essa profissão não é unanimidade, pois ele apresenta uma reação aos valores patriarcais mostrando que essa profissão é de grande relevância tanto na economia doméstica, financeira como também

na afetiva, pois, nota-se sentimentos de acolhimento e aconchego nos versos descritos. A babá ocupa a posição materna. Percebe-se que todo esse aconchego materno se dá em todas as partes do poema, desde o ar ingênuo, os peitos fartos aos abraços aconchegantes. Pode-se nomear, por tanto, o espaço presente no poema como “Casa axílio”, pois o feminino além de exercer um trabalho que possui o ato de colaborar, contribuir com o cuidado e educação de crianças, apresenta como um espaço que proporcione uma ajuda financeira e também provoca emoções positivas.

Seguindo a mesma linha de interpretação, no poema “Couve” temos mais uma vez o feminino presente ao ambiente lar. Nos primeiros versos a imagem feminina, de forma metaforizada, com o uso da conjunção “mas” é expressa como um objeto sem valor, como um objeto físico qualquer que tem seu comportamento não relevante. Vejamos:

Entre leques e as folha da vindeira
esta hortaliça ostenta o dom
de modelo predileto de imitação –
até para cantoneira
ela se empresta!
Mas pobre dela que nem seus hóspedes abana
e sequer nos brinda com licores...

[...]

(DALFARRA, 2002, p.13)

Porém, nota-se, que Dal Farra coloca a imagem feminina associada ao espaço “casa” com o intuito de provocar a leitura que a sociedade faz dessa posição social, situando a mulher a responsável por atividade sem valor, segundo uma sociedade dominante, que não é tida para homens. Dessa forma, no decorrer do poema percebe que a “casa” a mantém viva, e a torna um ser importante e essencial para todos que no espaço habita, pois a mulher ocupa a função de bastante valia, logo que o preparo do alimento é fundamental e de bastante relevância para toda a sociedade.

Só para a mesa guarda sua singeleza:
Ah, pequenez de agregada –
Aderente da manteiga
Cativa do feijão.
[...]
Nela,

sua elegia escreve
 (já saudosa)
 a mariposa.
 tecido, papel, tela.
 Quem mais pode ousar a couve?
 (DALFARRA, 2002, p.13)

Nos poemas “Maçã” e “Manga”, através de metáforas com as frutas a imagem da mulher aparece como elementos carregados de simbolismos e realidades. A descrição do espaço “casa” não está meramente delatadas nos poemas, mas é detectado o espaço através do substantivo “mesa” que aparece no início dos dois poemas, como também o uso das frutas que nos remete ao ambiente da cozinha. Vejamos:

A maçã na mesa: pomo da discórdia.
 Abuso da minha inteligência
 porque quero conhecê-la com dentes,
 escavá-la até a longínqua estrela.
 Saliva a saliva
 procurar-lhe nomes,
 no afunilado umbigo aprofundar a língua.
 [...]
 (DALFARRA, 2002, p.13)

“Manga”

Ela está sobre a mesa-
 Nua
 E fechada em si
 Como uma urna
 O elegante perfil convoca outras formas
 Para torna-la única;
 Pera, pêssego, abricó- o coração, afinal,
 De onde irrigam a candura
 E o aceno para afaga-la com duas mãos.
 [...]
 (DALFARRA, 2002, p.13)

Observem que a imagem da mulher metaforizada a uma fruta, simboliza a imagem feminina aos costumes herdados da cultura patriarcal, que vive sendo exposta a satisfazer o desejo do parceiro, mas também, a vida fechada que a mulher tem em seu

ambiente doméstico, sendo privada de realizar outras tarefa que não seja o cuidado do lar e do bem estar sexual do companheiro. Porém, ao especular esses dois poemas, notamos que Dal Farra quebra toda essa simbolização de dominação masculina, haja vista que eles nos traz um registro importante de como a relação sexual também se dá de forma domesticada tendo o prazer sexual em ambas as partes. O espaço “casa” que presente nesses dois poemas nos revela a sexualidade vivida e praticada com liberdade pelo feminino em seu “lar”.

Após a análise desses cinco poemas pode-se refletir através da metáfora da casa os fundamentos da “casa interior” do feminino, pois segundo as teorias estudadas a casa que moramos é a metáfora da casa que construímos em nós mesmo. Assim, Temos o espaço “casa” com diferentes reflexões da imagem feminina no ambiente doméstico. Retomando o raciocínio anterior sobre os valores patriarcais, nesses cinco poemas o espaço “casa” reflete o contraste do modelo patriarcal, pois os sentimentos da mulher que nelas habitam são reação a esses costumes, é de liberdade.

III O CONTRASTE DOS CINCO POEMAS AOS VALORES ESTEREOTIPADOS DO PATRIARCALISMO

Ainda temos uma sociedade dominada pelo masculino sobre a sombra do modelo patriarcal. Embora o gênero feminino tenha conquistado um espaço social provocando mudanças aos valores sociais com o surgimento de novas ideias e hábitos, como inserção da mulher ao mercado de trabalho e a vida pública, podemos afirmar que ainda existe mulher disciplinada e subalternada aos afazeres domésticos, submissas as normas imposta pela sociedade e instituições de poder.

Ainda são muitos os preconceitos estereotipados sobre o gênero feminino, e esses, determinam, silenciosamente, a forma de pensar, agir e sentir do indivíduo, e passam a serem estabelecidos e compartilhados socialmente como valores comuns a serem vividos e seguidos. Esses valores estereotipados acabam entrando no espaço familiar, por meio de costumes sociais tidas com o comum, e acaba sendo incorporado e vivenciado dia-a-dia pelos membros familiares, muitas vezes sem nenhuma intervenção, pois, muitas pessoas ainda acham que atividades domésticas no ambiente “casa” são determinadas apenas para mulheres.

A desigualdade imposta pelo papel do homem e mulher no ambiente doméstico prova o sustento desses estereótipos, que surgiram a períodos a traz, até os dias atuais. Embora eles possam ser renovados, modificados e até ganhar novas formas, de acordo com a época social vivida, existe alguns que foram enraizados ao feminino desde períodos anteriores e continuam a serem seguidas com bastante vigor. Nesse capítulo, iremos dedicar aos aspectos que ligam alguns estereótipos de gênero a mulher, colocando-a como ser inferiorizado e submisso aos afazeres domésticos, e os cinco poemas, “Primeiros Passos”, “A babá”, “Couve”, “Maçã” e “Manga” da obra “Possuídos” de Maria Lúcia Dal Farra, destacando o contraste que eles possam provocar a esses valores culturais.

O discurso ideológico coloca a mulher associada ao espaço doméstico sendo estereotipada como “A rainha do lar” desde séculos a traz ao atual, pois a sociedade impõe a dedicar-se ao marido e a criação dos filhos, pois a desigualdade entre os gênero ainda coloca o homem ao espaço público e a mulher reservada ao espaço privado, sendo preparadas desde cedo para exercer os respectivos papéis dentro da sociedade.

No poema “Primeiros passos” percebe uma contraposição a esses estereótipo, pois embora o espaço presente no poema nos remete ao ambiente doméstico, analisando como se dá a imagem da menina presente no poema nota a ausência desse dominação patriarcal. Vejamos:

São (de fato)
 os primeiros movimentos da menina
 aqueles do teto de cores?
 Se assim é, ela já nasceu bailarina –
 tamanha a perícia dos toques de pincel na tela.
 A difícil travessia da horta, do quintal
 (enfim, das traseiras da casa)
 escolhe a natureza como escala de traços
 no entanto
 o que se ver é a alegria,
 a abertura dos braços,
 o receptivo dos tons,
 o pulsar incessante de legumes e verduras
 que ensaia junto a estréia –
 brotando no fundo desse mundo
 inaugural
 Todo o quadro é uma festa que nos acena
 Que também você seja bem-vindo!
 (DALFARRA, 2002, p.13)

Nesse poema já é possível notar o contraste que a autora quis causar aos valores patriarcais em seu título, haja vista que a expressão “Primeiros passos” nos remete a ideia de liberdade, ação em andar sozinho sem apoio. Como os primeiros passos de um bebê que são um importante marco para o seu desenvolvimento e independência, pode-se refletir o desenvolvimento feminino sem submissão. Depois, continuamos com o uso dos substantivos “De fato” e “movimentos” que nos leva a ação de desenvolvimento que a menina está conquistando. Seguindo mais adiante, outro ponto que chama a atenção são o uso de adjetivos e substantivos como “*a abertura dos braços*”, “*o receptivo dos tons*”, “*o pulsar incessante*” que expressam essa liberdade e satisfação da menina no que está sendo praticado.

Seguindo os estudos levando em consideração o modelo patriarcal com a divisão sexual de tarefas, a quantidade de mulher exercendo as profissões relacionadas a atividades domésticas, tidas com “atividades femininas”, representa uma grande porcentagem. Percebe que esse estereótipo que leva a mulher a ocupar as atividade que se destina ao ambiente “casa”, embora de forma modificada, permanece viva nos dias atuais.

Esses valores patriarcais misturados com outras influências coloca a mulher como subordinadas as atividades domésticas, vítima do estereótipo de que a profissão relacionada ao ambiente doméstico é feminina. Bourdieu coloca que as causa e efeitos desse visão social é uma construção arbitrária da reprodução biológica.

Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho, e progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo masculino e feminino, de seus usos e suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural a visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos.(BOURDIEU, 1997, p. 33)

Embora a mulher relacionada ao trabalho doméstico esteja estereotipada e provoque conceitos que muitas vezes causam impactos negativos, no poema intitulado “A babá”, Dal Farra presume que tal atividade é realizada de forma satisfatória pela mulher, pois no desenrolar do poema notamos o duplo sentimento de trabalho e prazer no cotidiano da profissão. Vejamos:

A mulher ostenta o ar ingênuo da

profissão que pratica
adquirido (por certo)
no trato incessante com crianças.
De resto
toda ela é feita para acolhê-las:
largo colo almofadado
peitos fartos e macios
mãos que chamam o toque.
O pano que lhe faz fundo convida ao sono.
São flores de desenho
(fantasias)
com ramos que nos enlaçam
- tais seus braços.

(DALFARRA, 2002, p.13)

Quando o poema faz uso do substantivo “ingênuo”, ele trata a ideia como o caráter profissional adquirido pelo convívio com os pequenos atos das crianças. Depois, quando faz o uso do verbo “Acolhê-las” nos remete a ideia de amor que provoca atitudes como cuidado e proteção, assim, esse raciocínio é comprovado com o uso dos substantivos e adjetivos nos versos seguintes, como “*largo colo*”, “*peitos fartos*” que nos transmite a ideia de aconchego e carinho. Em seguida, temos a expressão “*o pano que faz convite ao sono*” que nos leva a imagem da criança sobre o colo acolhedor para seu momento de descanso tranquilo. Ademais, temos o uso do substantivo “*fantasias*” que transmite a existência de sentimentos, de um corpo que cria e que sente desejos. E por fim, o poema encerra com o adjetivo “enlaçam” e o substantivo “braços” que afirma que por trás do corpo envolto pela profissão existe um alguém com sentimentos fraternos, que sente e que acolhe.

No poema “Couve”, Dal Farra faz referência a imagem feminina sobre a posição de agregada. Seguindo a tradição da época do patriarcalismo, que a família de classe social mais abastada além de ser composta por pai, mãe e filhos, também tinham agregados intercalados no ambiente familiar, estes por sua vez, embora possuíssem algumas qualidades que as mantinham “importantes”, viviam submetidos aos afazeres domiciliar e as ordens do seu Senhor, no poema, a imagem feminina é exposta como pessoa com a mesma condição do modelo patriarcal, que de início parece não fazer parte do ambiente, estando em condição despercebida pelos outros, mas que no fim tem uma determinada importância.

Entre leques e as folha da vindeira
esta hortaliça ostenta o dom
de modelo predileto de imitação –
até para cantoneira
ela se empresta!
Mas pobre dela que nem seus hóspedes abana
e sequer nos brinda com licores...

Avessa às damas do teatro
e da sal-de-visitas,
só para a mesa guarda sua singeleza:
ah, pequenez de agregada –

aderente da manteiga
 cativa do feijão.
 Sagrada(todavia) já foi na Grécia antiga;
 se lavrada por pulgões,
 um branco veludo escorre
 (oh prodígio de alta costura)
 O masaico a plissa,
 A trança a rendilha.
 Nela,
 sua elegia escreve
 (já saudosa)
 a mariposa.
 Tecido, papel, tela.
 Quem mais pode ousar a couve?
 (DALFARRA, 2002, p.13)

O poema inicia com o uso da preposição “Entre” que já nos remete a ideia de duas situações presente. Depois continua com o uso dos substantivos “leques” e “folha da vindeira” que nos remete a duas posições sociais, sendo que este nos remete ao ambiente doméstico culinário e, aquele, por si tratar de um objeto de uso pessoal, muito usado por damas da elite no período de 1670 à 1930, a um ambiente de luxo.

Depois, segue com o uso do pronome demonstrativo “esta” e o substantivo “hortaliça” para se referir a mulher/agregada e as qualidades que possui, haja vista que hortaliças são plantas, embora de pequeno porte, cultivadas em hortas com boa fertilidade. Assim, essas virtudes são confirmadas no emprego dos substantivos “dom”, “modelo” e “predileto” que mostra que a mulher é portadora de uma qualidade natural, sendo a representação do feminino mais almejado em sua posição social e que provoca o desejo alheio de possuir as mesmas qualidades.

Depois, temos uma contrariedade dessa qualidade almejada, quando a autora faz o uso da conjunção “Mas” e dos adjetivos como “Pobre” e “sequer”, pois mesmo sendo portadora de muitas qualidades, a mulher se torna uma pessoa de presença invisível, ninguém dá a importância devida como pessoa presente. Nos versos “*Aversa às damas do teatro*”, “*e da sala-de-visitas*”, percebe que o uso da conjunção verbal “Aversa” confirma a falta de prestígio por ser o inverso das mulheres de classe alta, por não ser portadora das mesmas posturas das damas. Nos desenrolar dos versos seguinte

percebemos que a mulher apresenta importância e qualidades apenas no ambiente culinário, como em “*aderente a manteiga*”, “*cativa ao feijão*”, que transmite a ideia de que a mulher está limitada ao preparo do alimento.

Nos poemas “Maçã” e “Manga” podemos levantar uma contraposição ao estereótipo, herdado do modelo patriarcal, de ter a mulher como “objeto de consumo, “objeto reprodutor”, proibida de sentir desejos sexuais e chegar ao gozo, pois o ato sexual era e, em alguns casos, ainda é, concebido pelo gênero masculino como uma forma de dominação e submissão.

Na primeira estrofe do poema “Maçã”, de forma metafórica, percebe a imagem feminina remetida ao desejo sexual. No primeiro verso “*A maçã na mesa: pomo da discórdia*” nos remete a mulher exposta, causadora do conflito de desejo. Em seguida temos o uso de substantivos e verbos como “abuso”, “quero” que nos leva o desejo de consumo almejado, depois tem a confirmação desse vontade no restante do estrofe.

Na segunda estrofe, como o uso do substantivo “*hierática*” percebe que os costumes sacerdotais a impede de praticar o ato, porém ela transgride as regras sacerdotais para o desejo ser consumado. E por fim, na última estrofe, ela afirma o fato consumado, o prazer alcançado. Vejamos:

A maçã na mesa: pomo da discórdia.
 Abuso da minha inteligência
 porque quero conhecê-la com dentes,
 escavá-la até a longínqua estrela.
 Saliva a saliva
 procurar-lhe nomes,
 no afunilado umbigo aprofundar a língua.
 A presença hierática pede respeito
 mas profano-a.
 tenho de escolher entre ser
 boa ou má,
 quebrar a dormência – que não
 para bela adormecida fui nascida.
 Ouso, caio,
 começo de novo o mundo,
 exilo da fruta o sabor do amor celeste –

sou (por fim) mortal.
 quero a brilhante e vermelha a de poente
 nem Ládon (o dragão) ma impede,
 neste jardim de Efemérides –
 se não é do pomo d´ouro que me socorro!
 (DALFARRA, 2002, p.13)

O poema “Manga”, também nos apresenta a imagem feminina como um ser liberto dos estereótipos patriarcais. Na primeira estrofe a referência a significantes como “nua” que remete desprovida de roupas, e “fechada em si”, que entrega-se mesmo ainda fechada dentro de si, pode denotar também que se encontra inteira, completa, nos sugere a relação com o início da vida sexual preste a ser ativada. Em função disso nos versos “O elegante perfil convoca outras formas”, “para torná-la única” e os três versos seguintes, vê-se que a naturalidade da mulher o faz única e abriga outras frutas, ou seja outros sabores dentro de si. Ademais, o substantivo “candura”, além da significação apresentada, também é responsável pelo convite, o desejo do outro exercer carinho em si. Na segunda estrofe, surge, portanto, as preliminares, os carinhos e desejo incessante e também a dúvida se a mulher se entregará por completo. Na terceira estrofe temos a visão do sexo consumado e por fim, na quarta estrofe, o consentimento da mulher se entregar por inteiro sendo portadora do gozo e prazer sexual.

Ela está sobre a mesa-
 Nua
 E fechada em si
 Como uma urna
 O elegante perfil convoca outras formas
 Para torna-la única;
 Pera, pêssego, abricó- o coração, afinal,
 De onde irrigam a candura
 E o aceno para afaga-la com duas mãos.
 De modo que a boca quase treme
 (hesitante entre beijá-la e mordê-la)
 quando dela se achega
 sem saber se se entrega ao domínio do cheiro
 ou à volúpia de lambê-la –
 mesmo antes de (com unhas)
 fender-lhe a pele vermelho-verde.

Ah, sulcar a carne macia com o arado dos dentes
 deixando que neles se enrosquem os cabelos
 que a fruta
 (aflita)
 não pode conter diante do torvelhinho dos sentidos –
 do cataclismo que desejo encena
 no afã de conhecer-lhe o rosto!
 Sôfrego, salivo abocanhando a polpa
 (esse manancial de sucos que me lambuza,
 Espirra, goteja e baba)
 que chupo exaurindo a fonte dos deleites
 dessa mulher que
 por fim consentiu
 (pudica e fogosa)
 A de a mim se entregar.
 (DALFARRA, 2002, p.13)

Para Boudieu, o gozo masculino se dá a partir do gozo feminino, pois o masculino necessita de uma prova de sua virilidade para se sentir completo. Vejamos:

O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar: assim Catharine MacKinnon sem dúvida tem razão de ver na “simulação do orgasmo” (*faking orgasm*) uma comparação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos se dê de acordo com a visão dos homens, que esperam do organismo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantindo por essa formasuprema da submissão. (BOURDIEU, 1997, p. 30)

Analisemos assim, situações que evidenciam e questionam modelos de estereótipo que segue o modelo patriarcal, que cerca o feminino, mostrando nos poemas de Dal Farra a quebra dessa dominação masculina que segue os valores patriarcais, sendo que o homem no contexto histórico sempre foi o centro das decisões, mostrando que a mulher pode competir e executar qualquer atividade que tenha vocação sem está sobre a visão de submissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas nesse trabalho tem o objetivo de mostrar os costumes patriarcais ainda presentes na nossa sociedade e a posição que a mulher ocupa no espaço doméstico que vive, mostrando a desigualdade existente entre os gêneros feminino e masculino, como também os avanços que o feminino deu.

Tomando como referência o Livro de Possuídos de Maria [Lúcia Dal Farra e a perspectiva das teorias de Boudieu, que mostra a dominação masculina ainda presente nos dias atuais, as teorias de Roberto DaMatta que mostra a casa como uma categoria feminina e as de Gaston Bachelard que coloca a casa como ambiente feminino, acolhedor, levantando alguns estereótipos de gênero que coloca a mulher como ser subordinado, utilizamos a poesia de Dal Farra para mostrar o contraste dessa visão, retratando a visão da mulher liberta, independente, capaz de produzir sua própria identidade.

Desse modo, dividiu-se as análises dos poemas em três partes. Em cada parte a imagem feminina retratada nos poemas assumem uma situação diferente, relacionando aos valores patriarcais, ao ambiente doméstico “Casa” e aos estereótipos que giram em torno do feminino. Na primeira parte se propõe a apresentar e comparar as características de uma sociedade dominante, que coloca o feminino a submissão e subordinação as tarefas domésticas e aos desejos sexuais do masculino, com a liberdade feminina conquistada de realizar as atividades por vontade própria, sem a dominação masculina presentes nos poemas.

Na segunda parte, o ambiente “casa” assume a conduta de casa protetora pois está com a função de proteger dos perigos da rua, depois assume o papel de casa acolhedora por oferecer aconchego feminino a quem nela habita e, por fim, casa liberdade, quando presentes nos poemas, oferece a mulher a liberdade de fazer sua própria história. Na terceira parte, através dos poemas, a mulher aparece como gênero liberto, quebrando os estereótipos que a sociedade insiste em manter vivos.

Nesse sentido, conforme demonstrou a leitura desses poemas aqui, é possível identificar que o feminino vem conquistando um espaço social com autonomia e

liberdade, quebrando o modo de como a mulher tem sido tradicionalmente tratadas por uma sociedade preconceituosa.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. (1998). '**O Estereótipo e as diversidades**', Revista Comunicação e Educação, 13:.07-14.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins fontes, 1993, P. 1-53.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina/Pierre Kühner**.11º ed. Rio de Janeiro: 2012, p. 13-67.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **Livro de Possuídos**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997, P.13-70.

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012.

_____. História da sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Gaal, 1988.